BANCO CENTRAL DO BRASIL

Pronunciamento do Presidente do Banco Central,
Henrique Meirelles, na Posse da nova Diretoria da Anbid

São Paulo, 20 de Outubro de 2008.

1. É uma grande satisfação estar presente em mais uma posse da diretoria da Associação Nacional de Bancos de Investimento, num momento particularmente importante para o sistema financeiro mundial e o sistema financeiro brasileiro.

2. Gostaria inicialmente de enfatizar alguns aspectos importantes quanto ao sistema financeiro brasileiro. Os bancos de investimento são um bom exemplo. Nos Estados Unidos, um dos fatores que agudizou a crise recente foi a insolvência de um banco de investimento devido, entre outros fatores, à não regulação dessas instituições.

3. Entidades não reguladas nos Estados Unidos geraram dois problemas: em primeiro lugar, um grau excessivo de alavancagem; em segundo, uma dificuldade grande de definição de procedimentos no processo de liquidação, pela inexistência de regras definidas para esse processo.

4. No Brasil, como sabem todos os presentes, os bancos de investimento são regulados e fiscalizados pelo Banco Central do Brasil, com regras prudenciais que estão entre as mais conservadoras do mundo. Com

efeito, a alavancagem do sistema é menor do que a exigida pelo Comitê da Basiléia.

5. O Brasil tem tomado medidas, durante vários anos, de preparação para um período difícil como o que passamos hoje. O País acumulou reservas internacionais, que hoje permitem que o Banco Central ofereça alternativas para as restrições criadas pela crise nos Estados Unidos nos financiamentos internacionais em dólares.

6. Além disso, o Brasil tem depósitos compulsórios elevados, que asseguram aos bancos uma margem de garantia de liquidez mandatória, depositada no Banco Central, e que permite à autoridade monetária irrigar a liquidez do sistema na medida das suas necessidades.

7. O compromisso do Banco Central do Brasil com as metas de inflação também é um fator importante de segurança da nossa economia. E os superávits primários continuados têm assegurado que a relação dívida pública líquida sobre o produto seja cadente. Esse círculo virtuoso é reforçado pelo fato de que, por meio da compra de reservas internacionais pelo Banco Central e a posição longa em dólares nos mercados futuros, o setor público seja credor líquido em dólares, o que faz com que haja uma queda da dívida pública como proporção do PIB com a depreciação do real.

8. De fato, a cada 10% de depreciação do real corresponde uma queda de 1,1 ponto percentual da dívida líquida em relação ao PIB. Isso faz com

que, desta vez, as contas públicas sejam um fator estabilizador na crise, enquanto as reservas internacionais, os compulsórios e a posição nos mercados futuros dão condições ao Banco Central de enfrentar as turbulências com força e serenidade.

9. O Banco Central do Brasil, como mencionamos, vem tomando diversas medidas para aliviar as restrições de liquidez, seja em reais, seja em dólares. Hoje faremos, por exemplo, o primeiro leilão de empréstimo em dólares com garantias. Isso visa prover liquidez às operações de comércio exterior. Essas medidas devem mitigar os impactos da crise internacional sobre o Brasil. Mas não temos a ilusão de que o País está totalmente imune ao que ocorre no exterior.

10. Passando para uma perspectiva mais abrangente, engana-se quem vê nas medidas adotadas pelo Banco Central uma mudança na sua estratégia de atuação. Temos um compromisso com o regime de metas para a inflação. É importante que isso esteja bem claro para a sociedade. Evidentemente, a calibragem e o *timing* de nossa atuação levam em conta o que está ocorrendo na economia, inclusive o que se refere à oferta de crédito e às incertezas trazidas pela crise, entre outros fatores. Em suma, as decisões do Copom continuarão a ser condicionadas pelas nossas projeções para a inflação e o balanço de riscos associados a essas projeções, e levarão em conta todos os desenvolvimentos recentes dos mercados.

11. A atuação do Banco Central visa mitigar o impacto da crise, mas sem artificialismos que podem gerar desequilíbrios que encerram riscos

consideráveis para a economia, como mostra nossa experiência passada. A pujança da demanda doméstica, alicerçada no mercado de trabalho, deve continuar sustentando a expansão do produto nos próximos meses, ainda que em ritmo mais modesto. As economias emergentes, cujo crescimento depende das exportações, terão que fazer um ajuste mais rápido, sob a pena de importarem de forma mais intensa a desaceleração do G3.

12. Ao contrário do que pensam muitos, podemos sim atuar com flexibilidade, pragmatismo e serenidade diante da crise porque nos preparamos para esse cenário. E atuar com estas características em todas as frentes. Por exemplo, nossa tão criticada acumulação de reservas, sem prejuízo da necessária flexibilidade cambial, mostra-se hoje providencial. Foi por ter acumulado um volume expressivo de reservas no período de bonança que agora dispomos de um vasto arsenal de recursos para prover a adequada liquidez do sistema, além dos demais mecanismos que já mencionei.

13. Outra vertente pouco anunciada de nossa atuação é a contínua e constante cooperação com outros bancos centrais, como por exemplo a reunião que efetuamos ontem com os Bancos Centrais das maiores economias da América Latina em Santiago do Chile. Nessa reunião, analisamos as implicações da atual crise internacional e seus desafios. Consideramos que as economias da região estão em melhores condições para enfrentar as turbulências financeiras, graças aos seus sólidos fundamentos econômicos. Destacou-se ainda que contamos com

instrumentos para preservar a integridade e o bom funcionamento dos mercados monetário e financeiro, e acordamos em estabelecer mecanismos de intercâmbio de informação e de cooperação técnica para facilitar o curso das ações a serem seguidas em cada país.

14. Além disso, participamos dos encontros bimensais da Basiléia e de outros fóruns. Esta cooperação ajudou de forma importante na regulação das medidas incluídas na MP 442, e continua intensa e ininterrupta. Aliás, iremos receber os presidentes dos principais bancos centrais aqui em São Paulo em novembro. Haverá uma reunião do G20, que junta os ministros da fazenda e presidentes de bancos centrais das 20 maiores economias do mundo, e logo em seguida o Banco Central do Brasil receberá não apenas os presidentes de bancos centrais do G20, mas também de todas as demais importantes economias do mundo.

15. Em resumo, a nossa mensagem à sociedade é que o Banco Central do Brasil está preparado, que levamos esta crise a sério, que estamos atentos a todos os acontecimentos recentes e seus impactos futuros, enfim, que atuamos incessantemente para preservar a economia brasileira dos efeitos da crise internacional.

Muito obrigado.